

Mediação tecnológica na educação: o uso do Periscope como ferramenta na preparação para o vestibular

Claviano Nascimento de Sousa², Igor Leonardo Menezes Gomes², Janaine Cardoso Gomes Ferreira², Rebecca Oliveira Barbosa², Lígia Beatriz Carvalho de Almeida¹

¹ Professora orientadora - Unidade Acadêmica de Arte e Mídia, Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus de Campina Grande - PB - Brasil

² Unidade Acadêmica de Arte e Mídia, Curso de Comunicação Social com linha de formação em Educomunicação – Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) – Campus de Campina Grande - PB - Brasil

claviano.sousa@hotmail.com, 11leonardo@live.com,
janainecardoso2@gmail.com, re.o.barbosa@hotmail.com,
ligiabria@gmail.com - professora orientadora.

Abstract. *This paper presents an educommunication intervention which was planned and developed after identifying that when preparing for the university entrance exam, many students had difficulty to access complementary means to study and keep in touch with teachers, in order to solve doubts. The intervention, in the area of technological mediation, used a real time free video-streaming application, that allowed not only interactivity between the participants as well as the exhibition of a lesson through the internet. The secondary students were able to follow from their homes explanations about writing techniques. The project provided motivation for learning, expanding the dialogic coefficient of the communicative ecosystem formed by the teacher and the students.*

Resumo. *Apresenta-se um relato de intervenção educacional planejada e desenvolvida ao se identificar que ao se preparar para o vestibular, muitos estudantes têm dificuldade no acesso a meios complementares para estudar e manter contato com os professores, visando sanar dúvidas. A intervenção, alocada na área de mediação tecnológica, se utilizou de aplicativo gratuito de transmissão de vídeos em tempo real, que permitiu a interatividade entre os participantes e a exibição de uma aula via internet. Os secundaristas puderam assistir, em suas casas, explicações sobre redação. O projeto proporcionou motivação para a aprendizagem, ampliando o coeficiente dialógico do ecossistema comunicativo formado pelo professor e os alunos.*

1. Introdução

A educação tem se esforçado para acompanhar as inovações advindas da inserção da informática e de uma gama de diversas outras tecnologias no cotidiano de uma expressiva parcela da sociedade. Ao passo em que a tecnologia foi sendo inserida nas escolas, num primeiro momento em espaços administrativos e em seguida nas próprias salas de aula, tornou-se necessária a preparação de educadores habilitados ao uso

correto dessas ferramentas. Assim, docentes se deparam com a necessidade de dinamizar as práticas de ensino para acompanhar as transformações tecnológicas.

No contexto escolar atual, ainda é recorrente a insatisfação de alguns alunos no que diz respeito ao tradicional método de ensino adotado por professores em sala de aula, seja pautado no giz e lousa, ou mesmo com o uso de apresentações de slides, sobretudo em relação à área da educação preparatória para o acesso à vida acadêmica. Desse modo, a didática de ensino enfrenta a necessidade de superar o estigma de ser apenas uma expositora de conteúdos, para se transformar em experiência inovadora e capaz de ressignificar as vias de expressão e comunicação, com a finalidade de uma melhor construção de signos e conhecimento pelos alunos.

Diante disso, observou-se que é possível fazer uso de aparatos tecnológicos, como ferramentas pedagógicas capazes de ultrapassar os muros das instituições de ensino e ampliar o seu alcance aos mais variados ambientes. Para tanto, imaginou-se um ecossistema educacional mediado pela transmissão de vídeos em tempo real para promover aulas e o envolvimento entre professores e alunos em fase de preparação para o vestibular. Adotou-se o sentido de ecossistema comunicativo, que conforme Liana Gottlieb (2010) é aquele formado por “teias de relações em determinado território ou espaço educativo (presencial ou virtual), que – supõe-se – sejam: a) inclusivas (nenhum membro da comunidade pode sentir-se fora do processo), b) democráticas (reconhecendo fundamentalmente a igualdade radical entre as pessoas envolvidas) e c) criativas (sintonizadas com todas as formas, os procedimentos, as linguagens e as tecnologias que facilitem ou tornem possível a esperada integração).

Fazendo uso do Periscope (2017), que é um aplicativo para smartphones que permite, gratuitamente, a realização e exibição de transmissões de vídeo em tempo real, procurou-se estabelecer um canal de comunicação, que proporcionasse a apresentação de assuntos e dicas importantes para os alunos que pleiteiam suas vagas em instituições de ensino superior.

Com uma intervenção no campo da mediação tecnológica para educação, alunos do curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande, levando em consideração conceitos da Educomunicação, envolveram concluintes do 3º ano do ensino médio de um colégio de Campina Grande por meio de uma ação preparatória para o vestibular com aulas transmitidas em tempo real por professores utilizando a plataforma referida.

2. Educomunicação

Educomunicação, conforme Ismar de Oliveira Soares, é

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, desenvolver o espírito crítico dos usuários dos meios massivos, usar adequadamente os recursos da informação nas práticas educativas, e ampliar capacidade de expressão das pessoas (Soares 2003).

As origens da educomunicação se encontram atreladas às atividades de educação para a comunicação, que se iniciaram com o reconhecimento de que a centralidade e o princípio da não transparência regiam as mensagens midiáticas, demonstrando a

necessidade de que se passasse a estudar a mídia. A influência e as transformações culturais exercidas pelos meios de comunicação de massa, a transformação da verdade numa realidade editável, despertaram o interesse de muitos educadores e estudiosos, sobretudo com o advento das novas formas de interações midiáticas.

Com o passar do tempo, diferentes concepções em torno da influência da mídia em vários países foram despontando e gerando vertentes em função dos cenários culturais, políticos e históricos distintos, conforme cita Soares (2002).

A vertente moralista dos anos 1930 considerava necessário inocular as pessoas contra os efeitos nocivos da mídia na educação. Nos anos 1960, a vertente culturalista, que inclui os estudos culturais de Stuart Hall, apontava a necessidade de levar aos espaços educacionais, condições para que os alunos pudessem entender as relações da sociedade com a mídia. Dessa forma, Hall categoriza a construção de sentido da mensagem midiática, por parte do receptor, em três perspectivas:

- a. Uma posição dominante ou preferencial, quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção;
- b. Uma posição negociada, quando o sentido da mensagem entra em negociação com as condições particulares dos receptores;
- c. Uma posição de oposição, quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem, mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa (Costa 2012).

Por fim, desde os anos 1980 até os dias atuais duas outras vertentes foram estabelecidas: a vertente dialética e a fase de apropriação, que inclui o estudo das mídias nas escolas, estimuladas pela “[...] popularização dos vídeos e o advento da internet [...]”, como destaca Soares (2002).

Contudo, as motivações para o surgimento da Educomunicação, como ressalta Almeida (2012), partiram de relações culturais estabelecidas pelas mídias em locais específicos como é o caso de países como o Canadá nos anos 1960, em resposta à invasão da indústria cultural estadunidense; Estados Unidos nos anos 1990, com a hipótese de que a influência das mídias na vida das crianças era responsável pelo aumento da violência juvenil, além de outros fatores que relacionam mídia e saúde, e a Austrália que passou a estudar a relação entre educação e mídia, nos anos 1970, como forma de manter o interesse dos alunos pela vida escolar.

No continente europeu, já no início do século XX havia a preocupação com a formação da consciência crítica de crianças e jovens e o entendimento que o estudo da mídia e a alfabetização midiática tinham importante papel na formação de cidadãos competitivos no cenário global.

Além dos países citados, o continente latino-americano, nas décadas de 1960-1970 passava por mudanças sociais, sofrendo grande opressão política em função da ditadura militar. No Brasil, a esse fato somava-se o fenômeno de invasão cultural estadunidense.

2.1. As raízes e os caminhos da educomunicação

O conceito de Educomunicação deriva dos estudos da mídia-educação, iniciados fora do Brasil e que levavam em consideração a mudança nos processos de formação do público infanto-juvenil a partir de sua relação com as mídias em partes distintas do planeta, destacando a importância de relacionar os campos da comunicação e educação.

Na América Latina, na década de 1990, constituiu-se um núcleo de pesquisa na Escola de Comunicações e Artes na Universidade de São Paulo (USP), liderado pelo professor Ismar de Oliveira Soares, que desenvolve uma investigação em larga escala, com 172 especialistas de 12 países da América Latina, confirmando que produtores culturais, arte-educadores, tecnólogos, professores, pesquisadores e profissionais de comunicação e de educação desenvolviam programas e projetos na área da comunicação educativa, protagonizando atividades na inter-relação entre comunicação e educação, o que conferia densidade ao novo campo de conhecimento (Soares 1999).

Duas áreas ganham evidência no campo da Educomunicação: a *information literacy* e *media education*, voltadas à formação do pensamento crítico e ao preparo do sujeito infanto-juvenil para o estudo da mídia, como relata Soares:

[...] o presumível campo da Educomunicação passa por duas áreas de intervenção sócio-político-cultural que abrangem fundamentalmente dois tópicos ou subáreas: *as mediações tecnológicas nos espaços educativos* – que apontam para necessidade de preparar professores e estudantes para usufruir de novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações (*media literacy*) – e a denominada *educação frente aos meios de comunicação*, preocupada com o impacto dos sistemas de meios sobre crianças e adolescentes (*media education*) [...] (Soares 2002).

As intervenções citadas por Soares figuram como passos importantes do processo de enraizamento da Educomunicação e destacam, por exemplo, a necessidade, não só de se debruçar sobre os objetos de estudos em destaque, mas de ter profissionais que mediassem os processos relacionados à educação-comunicação.

Dessa forma, a colaboração dos estudos de Stuart Hall sobre a recepção midiática, aliados ao empenho de Soares e outros pesquisadores que deram atenção à relação da comunicação com a educação, fizeram com que se visualizasse a “[...] formação de uma nova área interdisciplinar de intervenção social, profundamente vinculada a projetos de defesa e promoção da cidadania, implementada através da perspectiva de uma “gestão democrática da comunicação[...]”, como aponta Soares (2002).

A Educomunicação enquanto área interdisciplinar destaca a necessidade de se formar profissionais aptos a usar conceitos das áreas da Comunicação Social, Educação entre outras, como forma de superação das barreiras criadas e que acabam isolando áreas do conhecimento.

Segundo Metzker (2008) “A Educomunicação depende de todos os agentes envolvidos, portanto, ela jamais pode ser imposta; é preciso conquistá-los, fazer alianças, sempre levando em consideração as condições específicas de cada ambiente”, sendo assim, o educador é responsável por mediar os processos de transformação, e ressignificação no meio social, e pela inserção das novas tecnologias, tornando possível a formação de sujeitos capazes de relacionar e amplificar as transformações, além de estruturar ecossistemas comunicativos emancipatórios, nos quais eles estarão presentes.

A comunicação nas estruturas tradicionais das instituições de ensino se apoia, muitas vezes, em práticas impositivas e persuasivas, ao contrário da comunicação que se

propõe nos ecossistemas educacionais, caracterizados como ambientes abertos e igualitários, que buscam a socialização e o consenso e valorizam tanto a autoestima, quanto a capacidade de expressão e o empoderamento dos sujeitos neles inseridos, conforme relatar Metzker (2008).

2.2. As áreas de intervenção educacionais

Na sequência, são apresentadas as áreas de intervenção do campo da Educação. Elas representam alguns dos caminhos profissionais possíveis a serem seguidos pelo educador em atividades de gestão, mediação e produção.

2.2.1. Epistemologia da educação

A Epistemologia da Educação envolve o estudo e o aprofundamento conceitual do sobre o campo da Educação com a finalidade de sistematizar os seus fundamentos, os seus princípios e finalidades. Sua importância é decorrente das revoluções tecnológicas, sociais e comportamentais advindas da reestruturação e ressignificação que a Comunicação Social e os Mídias vêm provocando na sociedade, exigindo a reinvenção das estruturas e metodologias de comunicação tradicionais, atividade da epistemologia da educação.

2.2.2. Produção Midiática

Destacada por Soares (2014) como uma área de intervenção ainda pouco abordada ou estudada, a Produção Midiática envolve a atividade de equipes multidisciplinares, nas quais participam educadores.

Essa área permite a atuação do educador como produtor de conteúdos midiáticos, para as mais variadas plataformas e veículos de comunicação, que tenham a finalidade de promover a consciência crítica do público, gerar discussões relevantes e dar contribuição para a consolidação da comunicação dialógica que promova “princípios democráticos e valores como a cidadania, a solidariedade, a criatividade, o diálogo horizontalizado”, conforme citado em Almeida (2016).

2.2.3. Educação para a Comunicação

A complexidade do processo de comunicação humana desperta a necessidade de se construir conhecimento sobre o mesmo. A forma com que as relações se constituem no mundo contemporâneo indica a necessidade de se estabelecer comunicação pelos mais diversos meios. Conforme explica Kenski (2008) “a evolução dos suportes midiáticos ampliou este desejo fundante de toda pessoa de se comunicar e de aprender”.

Nesse sentido, educar para a comunicação é aproximar as pessoas de ferramentas que permitam que se manifestem por meio delas. É ainda proporcionar a construção de senso crítico frente às mensagens midiáticas, permitindo que acompanhem a evolução dos meios e entendam como se produz e se difunde a comunicação na sociedade, garantindo a inclusão e o entendimento dos cidadãos sobre os processos de comunicação social.

2.2.4. Pedagogia da Comunicação

A pedagogia da comunicação proporciona a elaboração e implementação de metodologias para que o aprendizado se dê de forma mais dinâmica, construtiva e inclusiva, já que “hoje não mais se acredita no ensino por transmissão ou em aprendizagem passiva, mas sim em um professor mediador da aprendizagem” (Almeida 2016).

Dessa forma, as ferramentas e atividades implementadas pelo mediador no processo de construção do saber, utilizando novos métodos didáticos e comunicativos, com a finalidade de auxiliar e complementar a construção de conhecimento sobre os conteúdos da educação formal, e que também estimulam a elevação do coeficiente dialógico nos ecossistemas comunicativos formados pelos estudantes, representam ações de intervenção educacional na área de pedagogia da comunicação.

2.2.5. Expressão pelas Artes

A comunicação se apropria de várias linguagens, permitindo ao indivíduo se expressar de forma oral, gestual, corporal, escrita, visual ou artística. A linguagem artística proporciona a inclusão e o empoderamento dos indivíduos, habilitando-os a transformar desde seu contexto particular até seu contexto social.

Dessa forma, a princípio, dois tipos de ação podem ser previstas: a) usar a linguagem artística para estabelecer contato com os sujeitos – um exemplo é o ativismo musical de Bono Vox da banda U2 – e b) estimular alguém a se expressar por meio dela (Almeida 2016).

2.2.6. Mediação Tecnológica na Educação

De acordo com Kenski (2010), as novas tecnologias caracterizam-se “[...] por terem uma base imaterial, ou seja, não são tecnologias materializadas em máquinas e equipamentos. Seu principal espaço de ação é virtual e sua principal matéria-prima é a informação”. As novas tecnologias diferem-se pela sua lógica, linguagens “[...] e maneiras particulares de comunicar-se com as capacidades perceptivas, emocionais, cognitivas, intuitivas e comunicativas das pessoas”.

Sendo assim, a Mediação Tecnológica representa a introdução e a utilização de serviços, sistemas, aparelhos e novas funcionalidades tecnológicas para a difusão de conteúdos educacionais, para a construção de conhecimento e para a capacitação, inclusão e inserção social de comunidades e indivíduos na geração digital, culminando com o aumento do interesse pelo estudo e empoderamento dos estudantes.

Uma intervenção nesta área consiste em proporcionar atividades e ações que contemplem o uso de ferramentas tecnológicas, com a finalidade de difundir conteúdos, gerar diálogos e promover a comunicação e o aprendizado inovador e dialógico por parte dos envolvidos.

2.2.7. Gestão da Comunicação

Sob a função de impulsionar e possibilitar a implantação de ecossistemas educacionais fluídos, dialógicos, horizontalizados e inclusivos, a Gestão da Comunicação engloba projetos e ações que estejam interligados ou relacionados de alguma forma a todas ou a algumas das áreas de intervenção da educação, tendo

por objetivo possibilitar a gestão, avaliação e manutenção da comunicação e das relações sociais, em determinado ambiente ou comunidade.

Se “as práticas da gestão comunicativa buscam convergências de ações, sincronizadas em torno de um objetivo: ampliar o coeficiente comunicativo das ações humanas” (Soares 2002), cabe ao educador e mediador das intervenções não somente conceber e auxiliar na realização da ação planejada, mas, sobretudo abrir precedentes e motivar a condução e a difusão de práticas e medidas que culminem em empoderamento social, cultural e na maior possibilidade de expressão por parte dos envolvidos.

3. Intervenção de mediação tecnológica

O trabalho do educador é planejar, aplicar e avaliar ações, no âmbito das áreas de intervenção, com o objetivo de implantar, ampliar ou fortalecer ecossistemas comunicativos, cuidando para que eles mantenham um elevado coeficiente dialógico entre seus membros (Soares 2003), o que aconteceu na experiência narrada a seguir.

3.1. Planejamento

Para criar um ecossistema educacional é indispensável fazer um planejamento considerando a situação problema e as prováveis soluções, recorrendo às áreas de intervenção educacionais. Para tanto, foi elaborado pelos alunos de Educação, sob a orientação da professora Lígia Almeida, um planejamento com informações sobre o público alvo, a situação problema, objetivo, tipo de intervenção, a metodologia de desenvolvimento da intervenção e de sua avaliação coletiva e, por fim, o estabelecimento de um cronograma de trabalho.

A escolha da área de intervenção da mediação tecnológica se deu depois que foi avaliada a necessidade de inserção da tecnologia como ferramenta pedagógica nas escolas e ainda, como uma possibilidade de estreitar relações interpessoais, sobretudo entre alunos e professores, criando um ecossistema educacional para além do espaço de educação formal. Após essa observação, pensou-se em utilizar a mediação tecnológica com alunos em fase de preparação para vestibulares de modo que o processo de formação fosse fortalecido com a otimização do tempo de estudo e a aproximação entre docentes e estudantes.

O objetivo da intervenção foi proporcionar aulas a distância, momento em que se optou pelo Periscope, aplicativo de transmissão de vídeos em tempo real sem necessidade de professores ou alunos estarem na escola. A ideia de otimizar o tempo, aliada a flexibilidade que o aplicativo oferece, principalmente no que diz respeito a mobilidade, fez com que se pensasse que, fazendo uso do aplicativo, o aluno poderia, por exemplo, estar em sua casa e acompanhar uma aula ao vivo sobre temas relevantes na preparação para o vestibular, ministradas por seus professores do ensino regular que, por sua vez, também não precisariam estar necessariamente no espaço educacional para ministrar uma aula, uma vez que eles tenham acesso à internet e o aplicativo em seu telefone celular. Assim, o ecossistema educacional se criaria independente do lugar onde as partes estivessem, já que a ferramenta tecnológica permite a interação entre quem transmite e sua audiência.

Com o planejamento e as datas de execução estabelecidas, se avaliou quais escolas teriam interesse em aplicar o projeto com seus alunos e professores. O contato foi estabelecido com algumas escolas e escolheu-se uma que já fazia uso da tecnologia como parte da pedagogia de ensino. A escola fazia uso de *tablets* e da internet em sala de aula para pesquisa e mediação. Sendo assim, foram realizadas reuniões com a coordenação pedagógica para apresentação do projeto, análise de viabilidade de execução, ajuste de cronograma e formato de aulas. Durante a apresentação da proposta, o próprio coordenador pedagógico, que também ministra aulas de gramática para alunos do terceiro ano do ensino médio, ofereceu-se para ministrar a aula mediada.

Dessa forma, a intervenção foi programada para acontecer em três momentos: o primeiro seria o contato com a turma, depois uma transmissão teste e, por fim, a aula mediada e posterior avaliação. Foi criada uma conta no aplicativo Periscope com o nome de “Aula Normal”. A ideia foi usar uma linguagem mais próxima da realidade dos alunos e tentar, assim, criar um clima menos formal na intervenção. O processo de aplicação da intervenção foi construído junto à coordenação da escola e os alunos de Comunicação da UFCG, atendendo aos prazos e horários da escola.

3.2. Aplicação

De acordo com o cronograma, em setembro de 2016, o projeto “Aula Normal” foi apresentado aos estudantes de duas turmas do terceiro ano do ensino médio da escola. Na ocasião os estudantes de Comunicação Social falaram sobre o curso da UFCG e sua linha de formação. Relacionaram ainda o processo de preparação para o vestibular com a proposta de intervenção e forneceram explicações sobre o aplicativo. Os alunos puderam tirar dúvidas e, de forma coletiva, escolher qual assunto seria tratado na aula mediada. Pensando na preparação para o vestibular, o tema redação foi praticamente uma unanimidade entre os alunos e acabou sendo escolhido. Nesse encontro os alunos foram informados sobre o dia da transmissão teste e o dia da transmissão da aula de redação, atendendo ao cronograma de execução da intervenção.

Para ter um retorno acerca do conhecimento dos alunos sobre o aplicativo e ainda criar um canal de comunicação direta entre os eles e os universitários, foi passada uma lista na ocasião de apresentação do projeto para que colocassem seus nomes, contatos telefônicos e nome de usuário da rede social Facebook. Dessa forma, a gestão da comunicação entre os envolvidos foi facilitada, já que foi criado um grupo no Facebook tendo como membros os coordenadores pedagógicos da escola, as duas turmas do terceiro e os alunos de Comunicação Social, responsáveis pelo projeto. No grupo criado, que levou o mesmo nome do projeto, foram disponibilizados o passo-a-passo de instalação e a criação da conta no aplicativo para cada sistema operacional dos *smartphones*, bem como os lembretes de data e horário das transmissões.

Uma transmissão experimental se deu no dia anterior à transmissão da aula de redação. O assunto abordado nessa transmissão também foi escolhido pelos alunos e tratou da vida acadêmica e da transição entre o ensino médio e a universidade. O objetivo dessa transmissão foi testar questões técnicas para a transmissão, a logística e a qualidade de som e imagem, além de estimular o uso do aplicativo pelos alunos para sua familiarização com o mesmo. Nessa oportunidade foi possível notar certa instabilidade da internet, que acabou fazendo com que a transmissão fosse dividida em três partes, totalizando 26 minutos, tempo que foi estimado para realização da transmissão da aula

de redação. Os aplicadores da intervenção conseguiram conversar com os alunos de forma descontraída, tirar dúvidas e, sobretudo lembrá-los da aula do dia seguinte.

O ponto alto da intervenção de mediação tecnológica, a aula de redação, se deu por meio de uma aula participativa, mas não presencial, ministrada pelo professor de português e literatura para alunos concluintes do ensino médio da escola, situada na cidade de Campina Grande - Paraíba, que no momento da transmissão se encontravam em suas residências. Na sala disponibilizada pela escola foram preparados os equipamentos para transmissão (um *smartphone*, dispendo do aplicativo e a conta do projeto no mesmo; um tripé para estabilização da imagem e um microfone). O sinal de internet utilizado também foi disponibilizado pela escola por meio de roteadores sem fio. O professor responsável pela aula preparou um conteúdo objetivo e relevante sobre redação para o Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, a principal fonte de acesso às instituições de ensino superior do país. Enquanto o professor ministrava sua aula por meio de apresentação de slides, os alunos de Comunicação Social se dividiram entre a parte técnica e o acompanhamento da transmissão para comunicar ao professor as dúvidas que os alunos pontuavam enquanto assistiam a transmissão. Optou-se por tirar as dúvidas dos alunos no momento final da transmissão, por esse motivo não foi usada a câmera frontal do aparelho celular, que permite a quem transmite observar a interação de quem assiste.

A aula foi interrompida duas vezes dada a limitação do sinal de internet da escola e um travamento do aplicativo. Diante disso, foram realizadas três transmissões que totalizaram vinte e cinco minutos de aula, tendo a mais longa cerca de 15 minutos de duração. O tempo foi considerado suficiente para o professor explicar os pontos que tinha se proposto e receber as perguntas dos alunos, anotadas pelos aplicadores da intervenção. Para complementar a transmissão, foi produzido um vídeo e disponibilizado no grupo do projeto no Facebook, com as respostas aos questionamentos feitos.

Partindo dos dados disponibilizados pelo aplicativo e do retorno dado pelos alunos e pela coordenação pedagógica da escola, avalia-se que os resultados do projeto foram satisfatórios já que o objetivo foi atingido, mesmo com os problemas técnicos detectados. O perfil criado no aplicativo contou com 27 “seguidores”, sendo 24 desses alunos da escola. Foi monitorada uma média de 14 alunos assistindo as três transmissões da aula de redação ao vivo, e uma média de 12 alunos que assistiram a retransmissão com picos de 19 alunos assistindo ao vivo e 18 que assistiram à retransmissão. Somando o tempo das transmissões ao vivo, a aula teve duração de 26 minutos e, até o dia seguinte da transmissão, teve audiência garantida pelos alunos que não acompanharam ao vivo. O vídeo complementar, com duração aproximada de 6 minutos, foi assistido por 30 alunos e contemplou as quatro principais dúvidas citadas pelos alunos durante a transmissão.

4. Conclusões

Diante da necessidade de uma melhor utilização de plataformas tecnológicas, seja por parte dos professores, fazendo o emprego dessas tecnologias como ferramenta didática e pedagógica, ou por parte dos alunos, como uma nova referência na preparação para o egresso nas universidades; conclui-se a viabilidade da execução de mediações tecnológicas para a educação.

A se julgar pelo efeito que resulta desse tipo de intervenção, do ponto de vista do aprendizado e da relação interpessoal entre aluno e professor, as escolas têm a possibilidade de oferecerem um diferencial no campo da educação e ainda gerenciar como seus alunos reagem e se interessam pelo uso de aplicativos de forma ainda mais proveitosa. A gama de possibilidades que se estabelece para a transmissão de aulas ao vivo é bastante considerável, desde que se tenha duas condições fundamentais para transmissão: um smartphone, com aplicativo instalado e um bom sinal de internet.

É pertinente o estudo de transmissões por meio do Periscope, para alunos de outras faixas etárias, como estímulo à educação para comunicação. Ainda cabe o estudo de aplicação da metodologia em casos de jovens que não podem ir até a escola por motivos de saúde, como é o caso de portadores de doenças com imunidade baixa, o que os impossibilita de estar presencialmente em instituição de ensino, casos que demonstram a importância da atuação do profissional de Educomunicação, que tem formação para transitar nesses espaços com competências e habilidades construídas ao longo de sua vida acadêmica.

Referências

- Almeida, Ligia Beatriz Carvalho de. (2016) “Projetos de intervenção em Educomunicação”.
https://issuu.com/ligiacarvalho77/docs/as_reas_de_intervencao_da_educo/1, 09 agosto 2016.
- Almeida, Ligia Beatriz Carvalho de. (2012) “Formação do professor do ensino básico para a educação para a mídia: avaliação de um protótipo de currículo”. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília.
- Costa, Jean Henrique. (2012) “Stuart Hall e o modelo encoding and decoding”: por uma compreensão plural da recepção. *Revista Espaço Acadêmico*. n. 136, p. 111-121, set. 2012.
- Gottlieb, Liana. (2010) “Da leitura crítica dos meios de comunicação à Educomunicação”. *Revista Trama Interdisciplinar*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 97-113.
- Kenski, Vani Moreira. (2008) “Educação e comunicação: interconexões e convergências”. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 29, n. 104 - Especial, p. 647-665, out. 2008.
- Kenski, Vani Moreira. (2010) *Educação e tecnologia: o novo ritmo da informação*. 6. ed. Campinas: Papirus.
- Metzker, Gabriela Felipe Rodrigues. (2008) “Educomunicação: o novo campo e suas áreas de intervenção social”. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0208-1.pdf>, Setembro 2016.
- Periscope. “Quem Somos”. (2017) <https://www.periscope.tv/about>, Abril, 2017.
- Soares, Ismar de Oliveira. (1999) “Comunicação/educação: a emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais”. *Contato*. Brasília, v.1, n.2, jan./mar, p.19-74.

Soares, Ismar de Oliveira. (2002) “Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação”. Comunicação & Educação. São Paulo, n. 23, p. 16-25, jan./abr. 2002.

Soares, Ismar de Oliveira. (2003) “Alfabetização e Educomunicação: o papel dos meios de comunicação e informação na educação de jovens e adultos ao longo da vida”. Teleconferência. 3o Telecongresso Internacional de Educação de Jovens e Adultos. São Paulo: Sesi, UnB e Unesco, 7 a 9 de outubro de 2003. <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/89.pdf>, Agosto 2016.

Soares, Ismar de Oliveira. (2014) “Construção de roteiros de pesquisa a partir dos livros da coleção Educomunicação (Editora Paulinas)”. Comunicação & Educação, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 135-142, set. 2014.